

Suicídio, a última reação dos Caiuás.

Para fugir de seus problemas, os jovens da reserva de Dourados estão se matando. Em dez anos, houve mais de uma centena de casos.

Feitiço, desgosto sentimental ou pressão da sociedade branca. Ninguém sabe as razões, mas os índios Caiuá, da Reserva Indígena de Dourados (MS), estão buscando no suicídio a forma de fugir a seus problemas. Só este ano, cinco deles morreram por enforcamento e envenenamento e nos últimos dez anos estima-se que mais de uma centena puseram fim às próprias vidas. O comportamento, que foge às tradições indígenas, surpreende muito mais pelo fato de que a quase totalidade dos casos foi registrada entre adolescentes e até entre crianças com apenas 8 anos de idade.

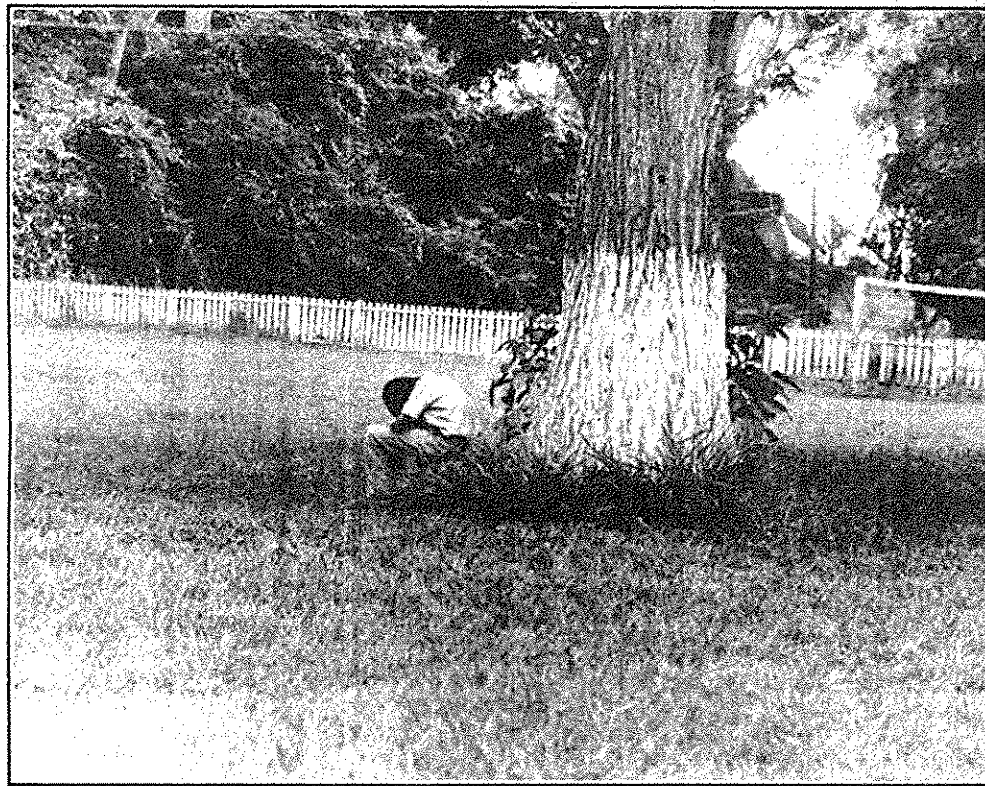
Localizada a apenas cinco quilômetros de Dourados, uma das principais cidades de Mato Grosso do Sul, a reserva indígena está sob o controle da Funai, que ali mantém 6.141 índios das tribos Caiuá, Terena e Guarani, vivendo basicamente da atividade agrícola, em uma gleba de dois mil alqueires dividida entre eles.

Com exceção de umas poucas famílias Terena, que conseguiram melhor adaptação à atividade agrícola e hoje desfrutam de boa situação econômica — apesar da forte influência da sociedade branca —, a maior parte dos índios, mal consegue garantir o próprio sustento. A situação é pior entre os Caiuá que, menos adaptados, normalmente trabalham como "bóias-frias" nas lavouras de cana do Estado, enquanto as mulheres e as crianças pedem esmolas pelas ruas de Dourados.

A série de suicídios ainda não teve uma explicação conclusiva. Preocupada, a Funai deslocou a psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira, de Brasília para Dourados, para tentar determinar as causas, mas até agora não recebeu qualquer relatório da reserva. A Missão Evangélica Caiuá, que funciona em área anexa à reserva, observou que geralmente os suicídios acontecem por motivos fúteis, mas admite que ainda não conseguiu determiná-los com precisão.

Ivo de Souza, 59 anos, nascido naquela reserva e que exerce a função de enfermeiro contratado pela Funai, arrisca uma opinião sobre as causas das mortes: ele acredita que a influência branca fez alterar as tradições indígenas e muitos, principalmente os jovens Caiuá, não se adaptam à nova realidade que estão encontrando. No desespero, só resta a eles uma saída: a morte.

Este comportamento, segundo Ivo de Souza, estaria relacionado com a situa-



Somente este ano, cinco Caiuás escolheram a morte como saída.

ção vivida na reserva, onde, conforme assegura, a população não se identifica mais como indígena e também não pode ser considerada integrada à civilização branca. É um meio termo em que os moradores não conseguem encontrar sua identidade.

Na opinião de Ivo, isto apavora principalmente os mais jovens, que não conseguindo equacionar os seus problemas, mesmo os mais simples, sentem-se encurralados e apelam para o suicídio. Ainda mais que muitos deles ainda ouvem dos mais idosos histórias de que ao espírito está reservada uma vida melhor após a morte terrena.

Esse quadro também seria estimulado pelas condições de vida na reserva. Ivo informa que as condições de saúde são precárias e o alcoolismo domina quase a totalidade dos índios, inclusive mulheres idosas. E a tuberculose só não agrava ainda mais a situação porque a Missão Evangélica Caiuá mantém um hospital especializado no atendimento aos índios de Mato Grosso do Sul. Mas, dos 40 internos, 20 são de Dourados. As doenças venéreas são comuns e as drogas, principalmente a maconha, já começaram a aparecer.

Desnutrição

Mas os problemas não terminam aí. Além de confirmar as informações de Ivo de Souza, o médico Júlio Fukuta Shikanai, diretor clínico do hospital mantido pela missão evangélica, lembra que a desnutrição atinge índices alarmantes. E faz uma comparação dramática: "Muitas crianças índias chegam a ser semelhantes às da

Etiópia. Temos casos na reserva de crianças com 3 anos de idade que não pesam mais do que 4 quilos". O alcoolismo, segundo o médico, é um dos problemas mais sérios e tem sido responsável por muitas mortes entre os índios. Além de doenças, o álcool tem provocado brigas seguidas de homicídios e muitos atropelamentos na rodovia federal que corta a reserva.

A soma de problemas, de acordo com o médico, não exige que os índios tenham outros motivos para praticarem o suicídio. "O que pode parecer banal para os brancos é de importância vital para os índios. Às vezes eles se matam simplesmente porque sentem vergonha de algum ato que cometeram", diz Fukuda. O reverendo Benedito Troquez, que há 29 anos convive com os Caiuá, confirma as declarações do médico e lembra um exemplo: "O índio Dinarte, um Caiuá de 18 anos, suicidou-se porque se atrasou para o ônibus que o levaria a Amambai, onde deveria se apresentar ao Exército. Com medo da punição que poderia sofrer, ele preferiu a morte".

Segundo o reverendo, a prática do suicídio é exatamente oposta à tradição dos Caiuá. E, depois do choque provocado pelo contato com a civilização branca, quando muitos morreram, a reserva vem registrando acentuado aumento populacional. "Os Caiuá — afirma — são conhecidos como a tribo que não morreu. Sua tradição mostra que eles lutam pela sobrevivência e, entre as tribos da reserva de Dourados, a Caiuá é a quem mais resiste à aculturação".

Misticismo. E pactos de morte, mortes em família...



Há casos de várias mortes em uma só família Caiuá

As jovens índias Clarinda Ferreira, 13 anos, e Jovina Ramirez, 16, fizeram um pacto de morte. Com o mesmo pedaço de corda, envolveram seus pescoços e pularam, uma para cada lado de um galho de árvore. Não deixaram qualquer explicação, e até hoje, três anos depois, ninguém sabe explicar os motivos.

Os registros da Funai em Dourados, Mato Grosso do Sul, mostram que, só no ano passado, ocorreram seis suicídios, todos de jovens da tribo Caiuá, que não deixaram explicações para os gestos. Dorila Rios, de apenas 11 anos, matou-se em dezembro, por enforcamento, depois de participar de um baile com várias amigas. Outra que se enforcou foi Maria Vargas de Oliveira, 12 anos, enquanto Maria Izabel Arce Gonçalves, 13, morreu por envenenamento.

Neste ano, entre os cinco casos registrados, estão o da menina Roseli Paulo, 13 anos, que se enforcou numa árvore perto de sua casa e de seu marido, Branhão Almeida Vieira, 16. Ele se enforcou no mesmo local, no dia seguinte.

Os casos de suicídio estão espalhados pela história da reserva. E, de acordo com o enfermeiro Ivo de Souza, o primeiro aconteceu em 1950, quando o índio Francisco Ortiz, 35 anos, brigou com a mulher e suicidou-se ingerindo veneno. Desde então, o número de suicídios tem crescido — e entre os mortos já estão uma filha e uma prima de Francisco, que também buscaram a morte por envenenamento.

A professora Irene Nogueira Rasslan, da Universidade Federal de Dourados e que há mais de dois anos estuda os índios daquela reserva, acredita que os suicídios podem estar relacionados com o grau de misticismo que domina as aldeias. Além das várias igrejas pentecostais que se instalaram nas comunidades da reserva, existe o espiritismo e os terreiros de umbanda dentro das

terras indígenas.

O chefe do Posto Indígena de Dourados, Joel Vitorino da Silva, acredita que as mortes estejam ligadas às crenças indígenas e lembra que muitas vezes os suicidas pertencem a uma mesma família. Há na reserva famílias que já perderam até seis pessoas, todas por envenenamento. Alguns índios que foram socorridos a tempo explicaram o gesto dizendo que "foram chamados pelos espíritos dos parentes mortos".

O cacique Ailton de Oliveira, da tribo Guarani, acredita que os suicídios acontecem por causa da feitiçaria. Ele lembra que principalmente entre os Caiuás existe a crença de que uma pessoa tem o poder de "fazer feitiço" para outra, levando-a ao suicídio. O enfermeiro Ivo de Souza confirma a influência das religiões e seitas e explica que já existem na reserva dois terreiros de umbanda. Da mesma forma, pelo menos dois indígenas são procurados até pelos brancos, interessados em seus poderes mediúnicos. Uma dessas é a índia Manoela Aguilera Farias Boipotê, que mantém um centro espiritual na aldeia, onde é procurada por doentes de todo o Brasil. Ela busca nas tradições indígenas as explicações para os suicídios: "A tentação toma conta principalmente dos jovens e os leva à morte; são espíritos maus que vagam pelo espaço e não conseguem reencarnar. Então eles entram nos jovens, levando-os ao suicídio".

Nesta mesma linha de raciocínio, o cacique Caiuá, Carlito Oliveira, também tem sua explicação: "Depois que a civilização chegou, nossas tradições foram esquecidas e mesmo as rezas, que os pajés usavam para encaminhar os espíritos dos que morrem, não são mais praticadas. Por isso, os espíritos, que chamamos hagerê, ficam vagando e perturbam os que estão vivos, já que não conseguem encontrar a própria paz".